**TÔ CHOCO**

TÔ CHOCO, texto e direção de Paulo Melo, com o Grupo Os Desajustados, de Uruguaiana, RS, é um espetáculo infantil que se fez apresentar no Cena Viva 2017, Festival de Teatro de Santa Rosa, RS.

A encenação resulta muito confusa, devida a muitos aspectos. A história, em verdade, é uma adaptação de O Patinho Feio. No caso, o personagem em questão nasce dentro de uma ninhada de pintinhos, bem chocados e protegidos por uma galinha, sua mãe. A partir dessa premissa, a encenação pretende falar sobre o bullying, algo tão em moda e discutido, atualmente, na medida em que o 'pintinho' por ser um 'franguinho diferente', não é aceito em seu habitat natural. Penso não se caracterizar esta situação como bullying, pois não estamos diante de um 'diferente' dentro da mesma espécie, mas diante de outra, literalmente, espécie, que não é aceito por um processo natural de seletividade e preservação. Se formos levar em conta que os personagens são filhotes (pintinhos, gatinhos, cãezinhos, etc.), o processo de entendimento até a aceitação do diferente em sua tribo, é bem mais complexo e doloroso do que um simples conselho de sala de aula.

Neste sentido, em cena, os professores não são nada. Há um total desrespeito para com a figura do Mestre. Há um desinteresse generalizado para com o saber. Há uma falta de educação pulsante e uma violência gratuita entranhada em todas as ações que o espetáculo desenvolve. Sei que isto é, infelizmente, a realidade. Porém, não há, em cena, o contraponto eficientemente demonstrado para que se justifique a reviravolta final, onde 'todos vivam felizes para todo o sempre'.

Além do já citado, há um excesso de erotização nas danças e ações, principalmente dos personagens femininos; o uso constante do celular; a utilização do inglês (diálogos em) e outros quesitos mais. Tudo muito bem, dentro do mundo contemporâneo real, porém, não se percebe, em momento algum, uma crítica a estas situações, virando, ao final das contas, o feitiço contra o feiticeiro, parecendo-me, ao fim e ao cabo, que estamos diante de uma apologia ao descontrole educacional. Há que se encontrar, urgentemente, a medida, o ponto de virada destas situações (em cena e na realidade) para que não se estabeleça um caos irreversível, fazendo o grupo jus ao nome escolhido de Os Desajustados.

Diante do exposto, os atores/adolescentes parecem estar sendo obrigados a representar. Isto se evidencia por não exporem o menor resquício de prazer e felicidade em estar no palco, atuando com energia praticamente zerada, e balbuciando o texto, segredando uns para os outros, tatibitatimente, suas falas, resultando com isto, que nós, espectadores, temos de intuir o que está acontecendo, quando, vez por outra, conseguimos ouvir fios de conversas, aqui e acolá.

Sei que é uma tarefa ingrata o ensino de teatro nas redes escolares. Não sou favorável à sua obrigatoriedade prática. Talvez a inserção de tal ensinamento dentro da grade curricular de História, contextualizando-o. A prática deve ser executada somente por aqueles, que realmente demonstrarem interesse para tanto, senão, estaremos sempre correndo o risco de gastarmos toda a nossa munição, nos próprios pés.

Antonio Carlos Brunet

Junho de 2017.